

NA CAPITAL QUE OSTENTA O TÍTULO DE CAMPEÃ DOS INDICADORES SOCIAIS POSITIVOS DO PAÍS, É DEVASTADORA A MISÉRIA ILHADA NAS CIDADES AO REDOR DO PLANO PILOTO. ENQUANTO 10% DOS BRASILIENSES GANHAM MAIS DE 40 SALÁRIOS MÍNIMOS, 14% CONFORMAM-SE COM MENOS DE R\$ 300 POR MÊS

Claudia Bernal (texto)
Claudio Versiani (fotos)
Da equipe do **Correio**

N a cidade dos ricos, o Plano Piloto, a pobreza é invisível. Só quem mora nos mais pobres dos lugares — Recanto das Emas, Riacho Fundo, Santa Maria, Paranoá, entre tantos — sabe o quão precária tem sido a vida.

É uma pobreza que agride, por ser contraditória ao que ocorre no Distrito Federal, dono da maior renda per capita do país. A menor taxa de analfabetismo (6,3%). É também o local do Brasil onde há maior número de bens de consumo por domicílio (72,8%). Tem a maior quantidade de telefones fixos instalados nas casas (32%), assim como o número de tevês por assinatura (16%). A renda média mensal das famílias (R\$ 2.673,00) é superior às de Curitiba (R\$ 2.208,18) e de São Paulo (R\$ 2.301,47). Não falta infra-estrutura urbana: mais de 95% do DF têm água encanada e esgoto.

Diffícil é compreender como a campeã de indicadores sociais positivos do país tenha também uma das maiores diferenças no viver de seus habitantes. Quem tem poder aquisitivo, saboreia a excelente qualidade de vida. Quem não tem sobrevive em barracos e em subempregos, os chamados bicos.

“Quem diz que Brasília é uma ilha da fantasia não conhece Santa Maria, Recanto das Emas, Estrutural...”, enumera o geógrafo Aldo Paviani, referindo-se ao apelido “infeliz” da cidade em relação às outras do Brasil. “Não temos morro com favela, mas periferias organizadas que são depósitos de pobres”, observa ele, que conhece de perto a exclusão, pois costuma sair a campo para fazer trabalho com alunos da UnB.

LIBERDADE

“O Distrito Federal não suportou a explosão demográfica e com isso veio uma exclusão social tão acentuada”, comenta o sanitarista Sérgio Arouca, professor da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. E aponta reflexos como a dificuldade de acesso a serviços fundamentais para o desenvolvimento das pessoas, como saúde e educação.

O resultado são privações e humilhações humanas — o fim da liberdade, como define em seu livro *Desenvolvimento como Liberdade* o economista indiano Amartya Sen, 67 anos, ganhador do prêmio Nobel de Economia em 1998. Segundo ele, o crescimento do PIB e das rendas pessoais — o que ocorre no DF — são mostra de progresso de uma nação. Mas não é só. Aponta que o verdadeiro desenvolvimento ainda está longe de ter se disseminado pelo mundo, pois nega direitos elementares a um grande número de pessoas, como alimentação saudável e água encanada.

No DF, 10% da população vivem na classe A e ganham acima de 40 salários mínimos, 9% em São Paulo. Mais do que os ricos, porém, são os que sobrevivem com menos de dois salários mínimos: 14% dos moradores da capital. Nove por cento recebem de 25 a 40 salários e 24% ganham de dez a 25 salários. A maioria da população, 43%, recebe entre dois e dez salários mínimos, segundo números da Codeplan. Nessa última classe, além dos que sustentam a família com menos de R\$ 300,00 estão incluídas pessoas com rendimento zero.

Muitos não têm acesso a serviços de saúde pública, escolaridade, ao consumo de frutas e legumes, a uma vida saudável. Conheça o cotidiano de algumas dessas pessoas que estão no reverso de Brasília, marginalizadas da sociedade. Os excluídos da capital.



DONA ANAZINHA DOS SANTOS, MORA NO RECANTO DAS EMAS, GANHA R\$ 150 PARA ELA E OITO FILHOS: BANHEIRO QUE CONSTRUIU, MAS SEM ÁGUA ENCANADA



SILVÂNIA, EMERSON E OS DOIS FILHOS: SEM EMPREGO, SOBRARAM O FOGÃO E A CAMA. GANHARAM MESA SEM TAMPO, ARMÁRIO USADO, MAS FALTA O PISO DA CASA

Um só cobertor para quatro

À época do aluguel — um barracão aos fundos de uma casa lá no Parque da Barragem — as dificuldades eram ainda maiores. Silvânia, 20 anos, e Emerson Silva, 24, tiveram que vender tudo o que tinham para conseguir comer, quando a filha Débora acabara de nascer e Emerson ficara desempregado. Era cobrador de ônibus e ganhava uns R\$ 300,00. Mas com o ócio forçado, até o botijão de gás precisou ser vendido. O som Gradiante, a geladeira branca, a televisão colorida. Restaram o fogão e a cama de casal.

“Por Deus que está no céu, com fé que a gente vai conseguir tudo

de novo”, bradou Silvânia, que cora ao se expressar devido à pele alvíssima. Justo ela, que rica nunca foi, cresceu na periferia mas mora no DF, o local onde há mais bens de consumo do país por domicílio.

Silvânia e o marido confiaram na proteção divina. Ele conseguiu emprego no Serviço de Limpeza Urbana (SLU) e hoje recebe R\$ 200,00. Também ganhou um lote onde levantou o barraco, que, segundo a mulher, precisa mesmo é de um piso. Poderia ser só uma camada de cimento mesmo, que deverá sair por R\$ 100,00. Diffícil manter a casa aseada e a saúde vivendo na terra batida, ainda mais com os cuidados especiais dedicados à segunda filha, Dani, ainda um bebê.

Para montar a nova casa foi preciso contar com a ajuda alheia. A mãe de Emerson deu o sofá — que afunda quando senta. Ela comprou um novo armário para sua cozinha, lá em Samambaia, e doou o antigo ao casal que também ganhou uma mesa. Embora sem tampo, Emerson não desdenhou do móvel e arranjou um pedaço de madeirite o qual faz as vezes do

tampo que já foi de vidro.

A televisão, pequena e em preto-e-branco, foi comprada por R\$ 40,00. Silvânia pagou um absurdo, mas é ruim demais ficar sem a novela das 7, que às vezes perde pois a luz fica muito fraca e não dá para ligar o aparelho.

Grande problema ainda é o ferro de passar. De tão velho, dá choque, e Silvânia levou muito choque. Um dia pensou: “Vixe, qualquer dia fico grudada aqui”. Como ainda pode comprar um novo, aprendeu a esticar as roupas na mesa com tampo de madeirite assim: liga o ferro na tomada, que esquentu um pouquinho. Desliga e passa alguma peça. O faz repetidas vezes, na tentativa de ter roupas apresentáveis sem que leve choque.

Dribla o ferro como dribla o frio. Emendou um cobertor a outro. Viu uma manta só, que aquece na mesma cama marido, mulher e as duas filhinhas.

Quem consegue ganhar o mínimo, como Emerson e Silvânia, dribla as agruras do dia-a-dia. Dona Anazinha dos Santos, 44 anos, mãe de oito “filhos da terra”, empregou-

se há um ano na frente de trabalho do Governo do Distrito Federal. Capina, recebe R\$ 150,00 e ainda vive no mesmo barraco miserável, que mistura o cheiro de resto de comida ao da terra seca. Mas tenta transformar o viver dos seus em dignidade. Matriculou as crianças na escola em Taguatinga. Deixa-as no colégio quando vai trabalhar e uma comadre se encarrega de recebê-las no ponto de ônibus.

Costuma “caçar comida” para as crianças, referindo-se à tentativa por vezes vã de não deixar faltar frutas, legumes e verduras. E nessa casa Anazinha ergueu os braços e construiu um banheiro com vaso sanitário, ainda que sem água encanada. Todos tomam banho morno. A mulher, que a vida inteira foi trabalhadeira e aparenta alguns anos a mais na pele castigada e manchada, ferve a água para si e para os pequenos “beber e banhar”. Mata os micróbios”. Pode-se crer que Anazinha ainda assim é excluída de todos itens que fazem da capital o melhor local do país, mas é lutando dessa forma que tenta não mais ser.

Farinha para enganar a fome

É mais um barraco como os milhares das quadras 500, no Recanto das Emas: pedaços de madeirite toscamente unidos, teto de zinco, nenhuma janela. Nele habitam uma senhora de 63 anos chamada Domingas da Silva que sente dores nos ossos e anda cansada dessa vida errante e a filha Edna, 22 anos, grávida de sete meses do terceiro filho — cada qual de um pai distinto e ausente. Os filhos de Edna são Alvinho, o Neto, de 5 anos. E a gorduchinha Milene, ou Mila, de 3 anos, e já com dentes pretinhos devido à rara escovação.

A opulência do pequeno corpo de Mila concentra-se mesmo na barriga, que tem uns vermes “desses bem grandes”, sinaliza com a mão a avó Domingas. Já levou-a ao centro de saúde, deu-lhe uns remédios, mas que adianta se a família continua bebendo da água imunda que o caminhão-pipa deixa dia sim, dia não, na vizinhança. Edna, que não tem filtro, sabe que deveria ferver ou “fritar” a água para os filhos beberem, mas não o faz para evitar o desperdício de gás. Sem gás não dá para fazer um tantinho de arroz, feijão e, com sorte, um pouco de jabá.

Faz tempo as crianças de Edna e Domingas não vêem frutas, legumes, verduras. Quando a comida da cesta básica que a família recebe acaba e a “fome fica doída na gente”, explica dona Domingas, a solução é arranjar farinha. Um bocado assim, menos que meio copo para não gastar muito, “ficar tudo na rega e dar pra amanhã”. Depois é raspar um pouco de rapadura por cima da farinha, que dá um certo sabor.

Numa quarta-feira dessas, janta não teve. Foi só o sol luar, lá pelas 18h, e a família enganou a fome com farinha para, em seguida, dormir. Não havia o que fazer depois. Edna e os filhos descansam na cama de solteiro, Domingas em um colchão tão fininho, sujo e esfarrapado



NA CASA DE RAQUEL, TEM LUZ, UM LUXO PARA A VIZINHANÇA DO RECANTO

que dá no mesmo dormir na terra batida gelada no barraco de um único cômodo.

A última vez que Mila e Neto comeram fruta foi há 20 dias, quando Edna comprou 20 bananas por R\$ 1,00. Uma festa. “Toda criança fica feliz quando tem coisa diferente pra comer em casa, né?”, sabe Edna, que às vezes chora escondido quando as crianças pedem o *cumêzinho* que não tem.

Sem renda alguma — seus companheiros se foram e não dão notícia e o marido de dona Domingas, um taxista, morreu “matado” há cinco anos —, difícil arranjar os R\$ 5,00 para que o vizinho puxe uma gambiarra. Depois que o taxista morreu, viver passou a exigir maior destemor e coragem para descobrir se as crianças terão ao menos a farinha que apaziguará a fome.

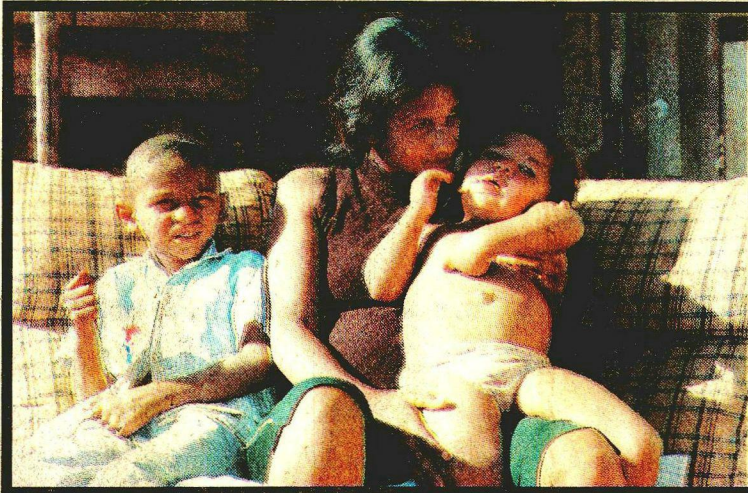
Na casa da amiga Raquel Cristhine, 22 anos, que há três anos veio de Marabá, no Pará, atrás de um companheiro que só lhe trouxe ingratidão, já tem luz. E

geladeira, que insiste em funcionar somente à noite. É também um barraco, ao lado do de Domingas, que o considera um luxo. Para sustentar a si e ao filhinho Wesley, de um ano e meio, que põe no colo e adula todo tempo, Raquel faz doces e salgadinhos para vender na vizinhança.

Sem água encanada, enche o latão quando o carro-pipa passa. Ainda não viu lucro, mesmo fazendo deliciosas pizzas, lasanhas, tortas doces e bolo de fubá. Saiu vendendo por R\$ 0,50 cada pedaço. Cada forma dão seis pedaços. Mas ninguém tinha dinheiro. Fez promoção: baixou o preço para R\$ 0,10. “Assim mesmo não ganhei foi nada”, diz Raquel, rindo das próprias mazelas.

Insistente, resolveu colocar uma placa de “*manicuri e pedicuri*” na porta de casa. Quem sabe com algum lucrinho consiga uma casa que nem aquela ali em frente “tão linda, é meu sonho”, declara, apontando para um casebre em construção.

NA ILHA DA EXCLUSÃO



EDNA, COM OS FILHOS ALVINO E MILA: ELES COMERAM FRUTA FAZ 20 DIAS

Quatro cômodos para dez pessoas

Solange é moça bonita, de 17 anos, que leva os cabelos loiros manchados por parafina sempre

presos e guarda profundo amor por Edvaldo da Silva, 22 anos, que vive com ela e com outra também. Fora o ciúme, o que ela lamenta mesmo é não conseguir entender o emaranhado confuso de letras que certa vez Edvaldo lhe enviou em um pedaço de papel, logo depois que começaram a namorar, há seis meses.

Era uma carta de amor — que nem foi escrita por ele, mas pela amiga Eunice Tereza, a Nice, 15 anos, esportiva e a mais inteligente da casa pois estudou até o primeiro ano. Solange nunca foi à escola e faz parte dos 6,3% dos

maiores de 15 anos que são analfabetos no DF.

Ali no barraco do Varjão, onde a rua de terra é inclinada, desnivelada e transborda água suja porque o encanamento há muito não vê conserto, vive essa família que somam dez pessoas. A casa é de Maria Ferreira, 34 anos, que veio há muito de Caririnha, na Bahia, perto de Bom Jesus da Lapá. Com ela moram os filhos Márcio, 17 anos, casado com Nice; outro filho de Maria, Wilson, de 7 anos, se alfabetizando na escola do Varjão; Valéria, 6 anos, que ainda não entrou no colégio; Iris,

a Irlinha, de 4 anos; e a caçula Vitória, de 1 anos, olhos vivo e claros.

Também mora ali o companheiro de Maria, o servente Joaquim, de 33 anos, que por hora esquece a desocupação tomando o cachaca. Como Solange, que não é parente deles mas é como se fosse. Brigou com os irmãos, quis sair de casa e foi convidada para morar com e família Ferreira. E levou o marido, Edvaldo.

É muita gente para um barraco de madeirite minúsculo, sem água encanada, sem banheiro, substituído pela pequena área de

terra nos fundos da casa — refúgio para as necessidades e as milhares de moscas. A sala com uma mesa velha e cadeiras descaçando vira quarto de uma só cama e cozinha, onde não tem geladeira, mas apenas um fogão que produz pouca comida. O quarto onde dormem Maria e Joaquim vira o quarto das crianças e tem um bercinho. E no outro quarto ali ao lado é a casa dos dois casais, Nice e Márcio e Solange e Edvaldo. Tem uma cama e um colchão.

Edvaldo dorme com Solange só de segunda a sexta. Fim de se-

mana vai para a casa de outra, a Deusa, que segundo Solange é feia e gorda e espera um filho de Edvaldo. Ele já tem uma linda menina, loirinha, de três aninhos, com outra mulher e já fez um filho em Solange. Depois de ter terminado com ele “por causa de briguinha besteira”, fechou-se no quarto e provocou um aborto com agulha de tricô.

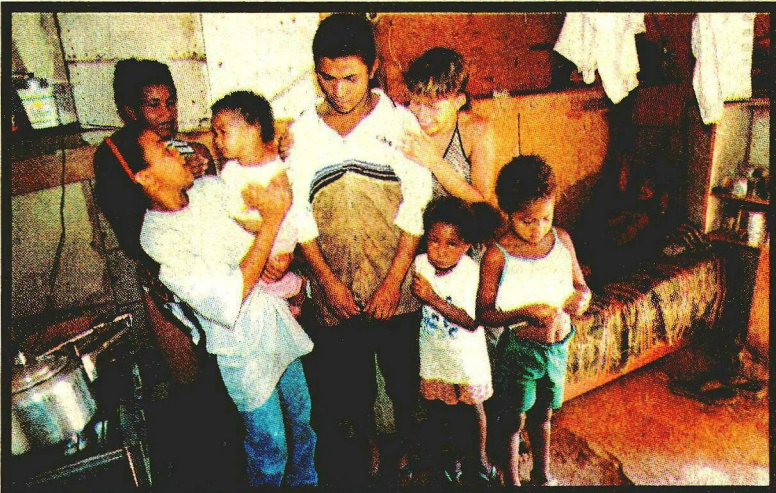
Mas Edvaldo também nutre amor por Solange e foi por isso que pediu a Nice que lhe escrevesse uma carta. Ele mesmo não tentou pois “a cabeça dói só de tentar juntar as letras”. Chegou à

2ª série, mas hoje tem preguiça de decifrar o bê-à-bá. A carta não passava de um bilhete escrito “Amor, gosto de você”, que Nice escreveu e soletrou para Solange. Ela mesma tatuou no braço esquerdo, em letras inseguras, o nome do marido, MARCIO, como prova do tanto que gosta dele.

Solange bem que queria ter estudado — não só para ler sua única carta de amor — mas para tornar-se professorinha. Quando levava os irmãos à escola, lá na Bahia, ficava escondida assistindo um bocadinho das aulas. Mas o pai não queria que a

filha se enrabichasse com algum moço da escola como fez a irmã. O resultado é que Solange virou uma mulher sem conhecimento de nada na vida inclemente que leva no paupérrimo Varjão.

Talvez terá um futuro como é o de Maria, a dona da casa onde vive de favor: “Não tenho nada, só filhos”, diz Maria. Seu sonho não era morar na favela, mas ser juíza, como é a senhora elegante que mora a poucos quilômetros da casa dessa família, no Lago Norte, onde Maria Ferreira já lhe serviu cozinhando, lavando e passando.



A FAMÍLIA DE DONA MARIA (AO FUNDO): RODEADOS POR MILHARES DE MOSCAS

CONSUMO ALIMENTAR PER CAPITA ANUAL	TAXA DE ANALFABETISMO
CEREAIS E LEGUMINOSAS (KG)	15 ANOS OU MAIS
DF 58,785	Alagoas 36,2%
Rio de Janeiro 49,069	Paraná 11,7%
Fortaleza 46,705	Distrito Federal 6,3%
FRUTAS (KG)	ESCOLARIDADE COM MAIS DE DEZ ANOS, COM MAIS DE 8 ANOS DE ESTUDO
DF 53,796	DF 46,2%
Belo Horizonte 52,618	Rio de Janeiro 44,4%
Curitiba 45,640	São Paulo 40,5%
Fontes: IBGE, Inep, Anatel, Unicef, Codeplan	Porto Alegre 40,5%